

4468

494

1

Foto: Walter Carvalho



Índios pataxós experimentam a farinha de mandioca, após conhecerem o sistema de produção moderno, diferente da aldeia

Índios terão tecnologia em aldeia Pataxó

A tecnologia está chegando à Aldeia Nova Vida, uma reserva Pataxó, do município de Camamu. Índios da reserva estiveram ontem em Cruz das Almas, onde conheceram a produção de mandioca desenvolvida pela Embrapa, e depois visitaram projeto experimental da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), no município de Conceição do Almeida. A visita dos índios aos dois municípios é promovida pela Embrapa, EBDA e Funai (Pág. 7).

Tecnologias simples podem ajudar os pataxós a superar situação de miséria

Fotos: Walter Carvalho

José Bonfim

Os índios pataxós da comunidade de Aldeia Nova Vida, reserva indígena de Camamu, vão utilizar a tecnologia para saírem da péssima situação em que estão vivendo. Ontem, em Cruz das Almas, eles iniciaram sua nova era, conhecendo o sistema de produção de mandioca e árvores frutíferas, desenvolvido no Centro Nacional de Pesquisa em Mandioca e Fruticultura (CNPMPF), da Embrapa. Depois, seguiram para a Estação Experimental de Fruteiras Tropicais da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), em Conceição do Almeida.

Os próprios pataxós reconhecem sua fragilidade ante o sistema de produção. "Na nossa cultura, nós desperdiçamos demais. A mandioca, por exemplo, a gente não sabia que servia para tanta coisa", disse Carlito Tuiuti, um dos líderes do grupo de 30 índios que representa os 250 da aldeia. Os pataxós estão conhecendo as pesquisas da EBDA e da Embrapa através do Projeto Integrado de Desenvolvimento Rural Vale do Juliana — Baía de Camamu.

A excursão técnica dos índios a Cruz das Almas e Conceição do Almeida está sendo promovida pela Embrapa, EBDA e Funai, sob a coordenação de Joselito da Silva Motta (do CNPMPF), e Ana Cristina Midlej (da EBDA). Os dois engenheiros agrônomos deram uma aula aos índios sobre a utilização da mandioca, que tem a folha rica em vitaminas e ferro, como destacou Joselito. Carlito Tuiuti e os outros pataxós se mostraram entusiasmados com a tecnologia das máquinas, simples para os técnicos mas uma grande novidade para eles.

Solicitação da Funai

O interesse em conhecer as pesquisas realizadas nos dois campos experimentais (Cruz das Almas e Conceição do Almeida) partiu dos próprios índios. Há um ano, eles já recebem assistência



Os índios ficaram muito curiosos com o funcionamento dos equipamentos que irão lhes ajudar a aumentar sua produtividade

técnica agrícola da EBDA, através do Projeto Vale do Juliana, e acompanham o apoio dado aos pequenos produtores da região de Camamu. A Funai, sem recursos, passou a ter dificuldades em continuar com o assistencialismo aos pataxós e pediu ajuda à EBDA.

Observando as necessidades da tribo, os técnicos priorizaram projetos, como campanha de arborização e jardinagem, distribuição de sementes de hortaliças, mudas de plantas ornamentais, fruteiras e essências florestais. Os pataxós receberam também sementes de feijão e treinos para cultivar esses produtos. Junto com técnicos do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), a EBDA promoveu também um curso sobre alimentação alterna-

tiva, levando à comunidade indígena conhecimentos sobre nutrição e aproveitamento dos recursos alimentares existentes na aldeia.

Segundo Joselito Motta e Ana Cristina (que é a chefe do escritório da EBDA em Camamu), a EBDA vai instalar na aldeia dos pataxós, a pedido dos próprios índios, duas áreas experimentais para o cultivo de pupunha — a palmeira de onde se extrai palmito —, silagem e feno, extraído da mandioca. A comunidade terá também um minhocário e treinamento sobre produção de húmus de minhoca. Ontem, na Embrapa, eles conheceram o banco de germoplasma da empresa, com mais de mil variedades de

mandioca e visitaram os laboratórios e as casas de farinha com sistema de produção avançado.

Toré

Depois do almoço, dançaram o toré que, na origem significa o agradecimento à mãe natureza pela chuva, pela safra e à vida. Ontem, agradeceram aos técnicos que estão lhe ensinando os caminhos alternativos da natureza. Fizeram a apresentação em trajés típicos. Em seguida, foram para Conceição do Almeida. O contato com a tecnologia prosseguiu durante toda a tarde. Hoje, às 9h30min, os 30 pataxós fazem nova apresentação do toré para os estudantes de Conceição do Al-

meida; têm curso sobre o cultivo da banana e do abacaxi e repetem a dança no final da tarde.

Amanhã, começam o dia com apresentação do toré. Depois, das 10h30min ao meio-dia participam de um curso — ministrado por técnicos da EBDA e da Embrapa — sobre "problemas e perspectivas de vida da comunidade indígena". À tarde, haverá nova apresentação da dança do toré e visitas às casas de farinha de Conceição do Almeida. À noite, na hospedaria de campo da Embrapa, em Cruz das Almas, os pataxós assistem a vídeos sobre tecnologias geradas no CNPMPF. Sexta-feira, pela manhã, retornam para a Aldeia Nova Vida.

Aldeias sem energia elétrica

Os 250 pataxós vivem na Aldeia Nova Vida há 10 anos. A área tem 300 hectares e nenhuma infraestrutura. Falta energia elétrica, posto de saúde, farmácia, "não tem nada", simplifica Carlito Tuiuti. A Funai dava uma assistência maior e até aí os índios não sentiam necessidade de ir à luta em busca de alimentação. O assistencialismo praticamente acabou e os pataxós estão agora correndo atrás do tempo perdido.

Estão começando do zero, afirma Ana Cristina Midlej, chefe do escritório da EBDA em Camamu. Eles precisam aprender a tirar o seu sustento da sua aliada, a natureza e, ao mesmo tempo, as técnicas de comercialização. A mandioca, o

feijão, as frutas, as essências e as plantas medicinais serão a matéria-prima do seu comércio. Particularmente, as mulheres demonstram entusiasmo fora do comum, tentando aprender depressa a manipulação das máquinas e o contato com os futuros clientes e colegas comerciantes.

Apesar de todas as dificuldades, os pataxós mantêm hábitos que a "civilização" há muito perdeu. Eles jamais gritam com seus filhos, não discutem e nunca estão de mau humor. A possibilidade de saberem mais da vida, como estão encarando a atual experiência, os motiva. Na Escola Paraguaçu, na aldeia, incluíram — a pedido da EBDA, empresa vinculada à Secretaria Esta-

dual da Agricultura — a língua pataxó.

Também os técnicos aprendem com os índios, garante Joselito Motta, ressaltando que nesses dias em Cruz das Almas e Conceição do Almeida, "está havendo, na verdade, um intercâmbio de culturas". Os índios acreditam que, a partir desse evento, o sonho da aldeia de ter luz elétrica e outras comodidades do mundo moderno será concretizado. "Nós vamos manter nossos valores, nossa cultura, mas precisamos de luz elétrica, nem que seja só para ligar as máquinas que transformam a mandioca em vários produtos, que viram comida para nós e para os animais", afirmou Carlito Tuiuti.



As mulheres também foram acompanhar as exposições dos técnicos